

Introdução de Miguel Duarte no 2º Fórum Liberdade e Pensamento Crítico

No ano de 2019 pelo menos 953 pessoas perderam a vida no mar Mediterrâneo. Isso dá mais de 3 pessoas por dia (dados provisórios porque ainda não acabou o ano). Fogem como podem de tortura, perseguição, prisão arbitrária e coisas piores, por vezes da morte certa.

Foi no meio de notícias aterradoras que, em 2016, me juntei à tripulação de um navio de resgate marítimo no Mediterrâneo Central chamado Luventa. O Luventa é um antigo navio de pesca convertido em navio de resgate por um grupo de jovens voluntários europeus com o objectivo de dar resposta à crise humanitária naquela zona.

Ao longo de um ano de operação, a nossa tripulação participou no resgate de 14.000 pessoas fornecendo milhares de coletes salva-vidas, cuidados médicos de emergência e activamente tirando as pessoas de dentro de água para que não se afogassem.

A 2 de Agosto de 2017, o Luventa foi apreendido pelas autoridades italianas e foi aberta uma investigação sobre alguns membros da tripulação por suspeitas de ajuda à imigração ilegal. Eu próprio e outros 9 tripulantes fomos constituídos arguidos e esperamos neste momento ter que ir a tribunal ser julgados por um crime que pode conduzir a vinte anos de prisão. Esta é a dimensão da crise política europeia.

O caso Luventa está longe de ser único. Nos últimos anos, centenas de trabalhadores humanitários têm sido alvo de processos judiciais em vários países da União Europeia com o objectivo de desencorajar a sociedade civil a tomar em mãos um problema que é de todos.

Perante uma catástrofe humana deste tamanho, perante a morte de milhares e milhares de homens, mulheres e crianças que fogem de horrores dos quais nos chegam apenas alguns relatos, os estados europeus escolheram não só encolher os ombros e olhar para o lado, como criminalizar civis que tentam agir perante a inacção governamental.

Foi com isto em mente que, no fim de 2018, em conjunto com mais uma série de pessoas que sentiam essa responsabilidade, ajudei a criar o colectivo HuBB – Humans Before Borders.

Quando um conjunto de pessoas se propôs a fazer um bocadinho mais de forma um bocadinho mais organizada, tudo surgiu de forma orgânica. Começámos por ser apenas um colectivo, hoje somos uma associação com cerca de 25 pessoas activas, todas a trabalhar em regime voluntário, com o objectivo principal de sensibilizar o público para questões relacionadas com migrações e direitos humanos e de não deixar que este tema se afaste da política quando os media o esquecem.

Em Junho o HuBB lançou uma campanha de crowdfunding para ajudar a cobrir os custos legais dos 10 tripulantes do Luventa sob investigação. Como não sabíamos de nenhuma campanha semelhante que tivesse tido lugar em Portugal, estabelecemos um objectivo final de 5000 euros. Nos primeiros dias a campanha tornou-se viral nas redes sociais e rapidamente captou o interesse da comunicação social. Em poucas semanas já tínhamos o apoio de todos os partidos com representação parlamentar, do presidente da república e do próprio governo. Devido a uma troca de palavras acerca deste caso entre os primeiros ministros português e italiano, a notícia atravessou as fronteiras e esteve presente nos principais jornais italianos, no New York

Times e no Parlamento Europeu. No fim da campanha tínhamos reunido 55 000 € e um apoio popular e institucional sem precedentes na Europa em casos semelhantes.

Acima de tudo, por meio de uma comunicação estruturada, conseguimos unir milhares de pessoas na defesa da solidariedade.

O activismo é comunicação organizada . Embora muitas vezes o trabalho do activista passe pela acção directa, como a ocupação de um espaço público, o protesto nas ruas ou a desobediência civil, a maior parte do seu impacto desenvolve-se no domínio imaterial da opinião pública e do discurso político. De facto quando pensamos nas grandes conquistas das lutas pelas liberdades civis tendemos a salientar o governo ou o parlamento que passou determinada lei e raramente nos lembramos do trabalho incansável das centenas de activistas que lutaram para o tema não saísse da ordem do dia, responsabilizaram instituições pelas suas decisões e organizaram tantas pessoas quanto possível por detrás de reivindicações claras e justas.

Às vezes essa luta parece infrutífera e que as coisas, em geral, mudam pouco. Mas lembrem-nos que até há bem pouco tempo em Portugal as mulheres não tinham os mesmos direitos de voto que os homens e até há menos tempo ainda vivíamos em ditadura. As coisas mudam mais rapidamente do que nós damos conta e a direcção em que o fazem depende determinantemente dos movimentos sociais e da capacidade de organização.

Para que as pessoas tomem posição sobre um determinado tema, é necessário torná-lo visível, e muito dificilmente os partidos políticos vão tomar posições sobre temas que não sejam já importantes para as pessoas.

Isso dá uma importância fundamental aos esforços de alterar o discurso político, alterar aquilo de que se fala e o modo como se fala. Nesse sentido, o trabalho de um activista é, na maior parte do seu tempo, o de organizar pessoas. Criar estruturas como colectivos e associações, redigir cartas de princípios e manifestos e formular uma mensagem clara que as pessoas possam apoiar.

É isso que torna absolutamente necessária a intervenção organizada na questão das fronteiras e dos refugiados. A Europa está, dia após dia, a violar os seus princípios mais básicos para travar o fluxo migratório. E nem sequer são os partidos ditos anti-imigração que estão a implementar medidas assassinas como os acordos assinados com a Turquia e com a Líbia. São os partidos que estão no poder que estão a ceder à pressão do crescimento da extrema-direita em vez de terem a coragem de defender os direitos humanos e de respeitar as leis internacionais. É fulcral denunciar acções desumanas e ilegais por parte dos estados e é fulcral indignar-nos com o estado actual das coisas.

Aquilo que um cidadão individual faz ou deixa de fazer pouco importa para a política em grande escala. Mas isso deixa totalmente de ser verdade se actuarmos em conjunto. Imaginemos uma floresta. Durante muitos anos, à superfície do solo não se vê nenhum cogumelo até que um dia, depois de uma tempestade, o chão cobre-se de cogumelos. O nascimento destes parece espontâneo à primeira vista, mas é o resultado de anos e anos de desenvolvimento no subsolo. Só uma cultura de organização popular e a capacidade de acção

conjunta podem permitir uma participação activa no processo de decisão. O escrutínio constante e a indignação são elementos fundamentais de uma sociedade democrática. Isto não garante por si só que as coisas irão mudar. De facto as grandes mudanças são imprevisíveis e dependem de muitíssimos factores completamente externos ao cidadão comum. No entanto criam as condições ideais para acolher uma mudança.

O futuro parece sempre improvável, mas depois de acontecer parece inevitável.

O HuBB é um colectivo não-hierárquico que tem menos de um ano de idade e ainda não parou de crescer. Organizamos debates, filmes, conversas com especialistas, campanhas de comunicação e de angariações de fundos, acções de rua, manifestações e muito mais. Sempre com o objectivo de juntar cada vez mais pessoas em torno de uma causa que julgamos justa e essencial para a sociedade. Sempre com o objectivo de fertilizar o solo para que um dia a floresta se encha de cogumelos.

De tudo aquilo que podemos fazer pela sociedade, o voto está longe de ser a forma de intervenção mais eficaz. Se queremos ter um impacto considerável temos que aprender a organizar-nos e a tomar nas nossas mãos as grandes lutas da sociedade actual.

Disso depende a criação de uma sociedade justa, igualitária e solidária.